A vez da demanda

A expansão da demanda parece ser a fórmula mais duradoura, efetiva e não conflitiva para a manutenção de preços remuneradores na cadeia

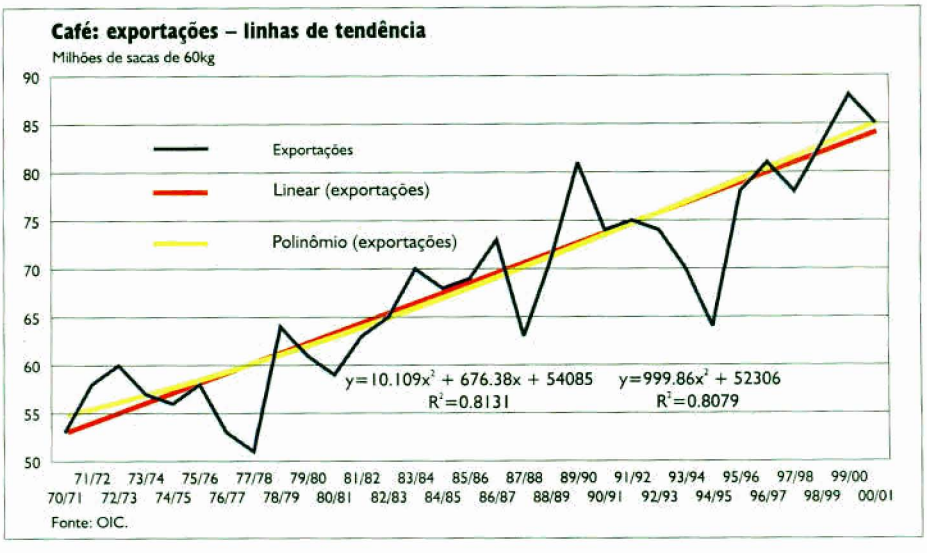
LUIZ OTAVIO ARARIPE E MANOEL A. CORRÊA DO LAGO

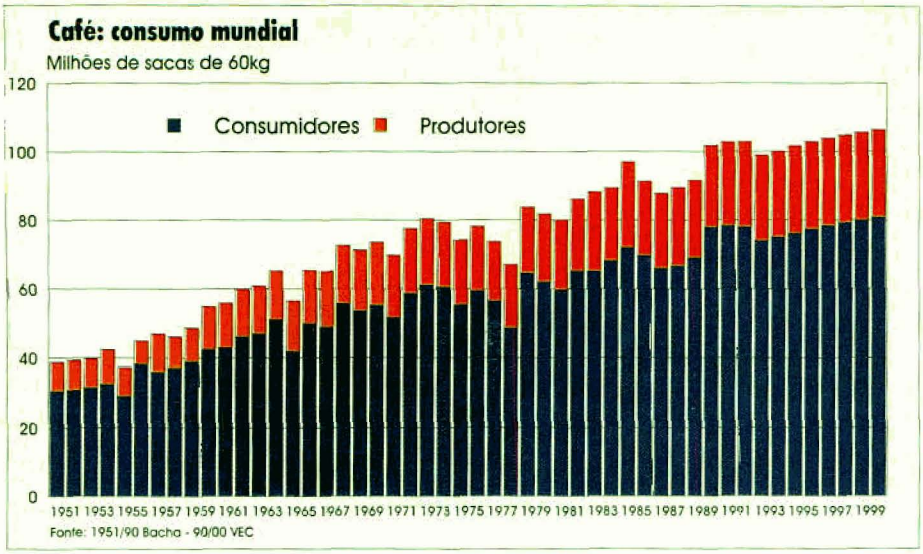
No mercado de café parece exagerada a ênfase dada a estudos sobre a oferta em detrimento de avaliações sobre o consumo e a demanda. Pouco se sabe sobre a demanda do produto. O aumento do consumo é benéfico para todos os segmentos do agronegócio café.

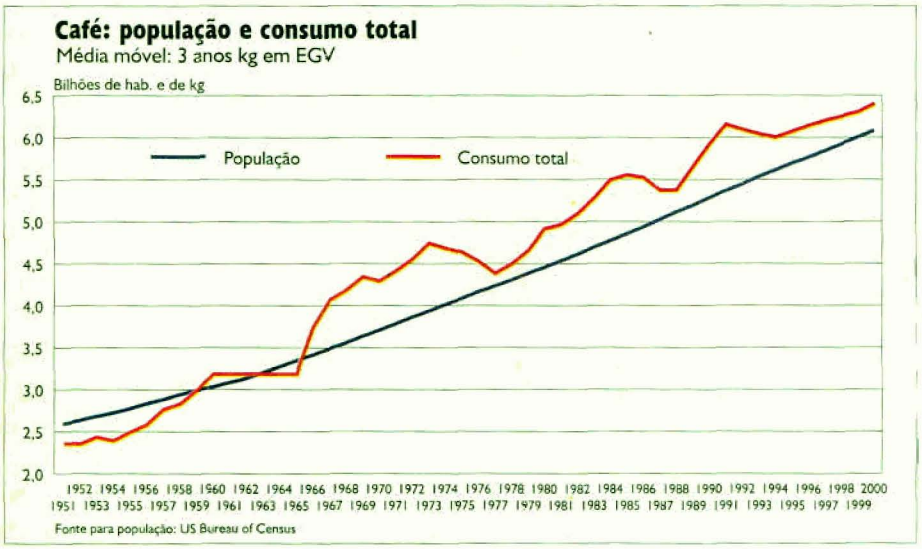
A maioria das estatísticas de consumo tem como base as exportações (e importações) de café verde. Para a avaliação do consumo, são consideradas as variações dos estoques de café verde visíveis (estoques em portos livres e armazéns gerais públicos), mas raramente são computados variações dos estoques de café verde e produto acabado nas indústrias, estoques de produto acabado nos distribuidores/atacadistas/varejistas e ainda estoques em mãos dos consumidores. A variação total desse *pipeline* poderia ser superior a 10 semanas ou superior a 10 milhões de sacas. São raras as avaliações de consumo medidas na ponta consumidora para que pudéssemos testar as avaliações da demanda calculadas a partir das exportações de café verde. São ainda mais deficientes as estatísticas de consumo nos países produtores. Excetuando-se o Brasil, principal mercado consumidor entre os países produtores, as estatísticas de consumo em outros países produtores são praticamente inexistentes e na sua maioria resultantes de meras estimativas *informais* de mercado.

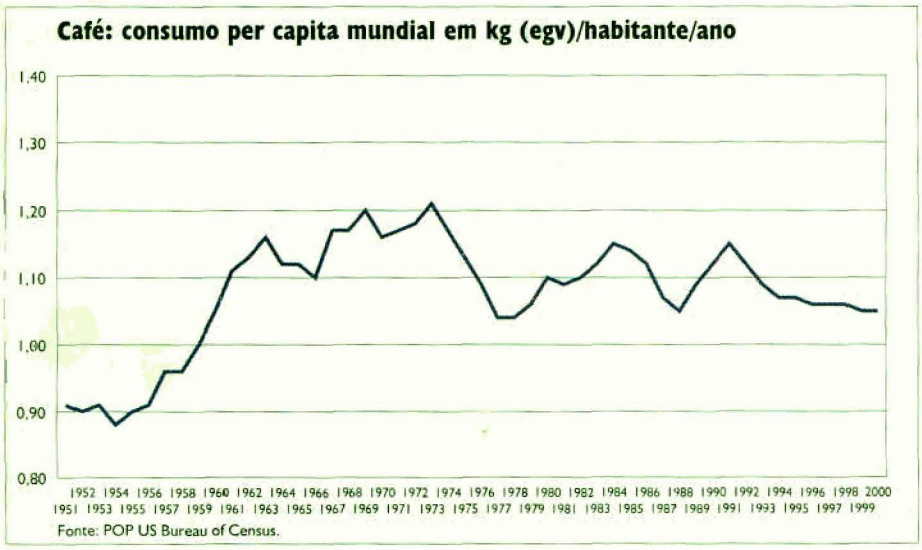
Constante aparente

Feitas as ressalvas, o gráfico 1 apresenta uma estimativa do consumo global de 1950 a 2000, derivado principalmente dos volumes exportados. Nesse período a taxa de crescimento do consumo foi de aproximadamente 1,5% aa. Essa taxa não é muito diferente da de crescimento populacional. Colocando-









se o consumo em quilos em equivalente em grão verde (EGV), o valor numérico é bem próximo do efetivo populacional, ou seja, o consumo é quase constante em 1kg/habitante. O coeficiente de correlação entre crescimento populacional e consumo mundial é de 0,977. Apesar dessa aparente constante – o consumo de café aumentaria de forma *vegetativa* com o crescimento populacional –, em alguns momentos e em países específicos o consumo cresce a taxas significativamente mais altas (como veremos a seguir) enquanto que em outros, como por exemplo no mercado da América do Norte a partir dos anos 60, o consumo absoluto cai apesar do crescimento populacional.

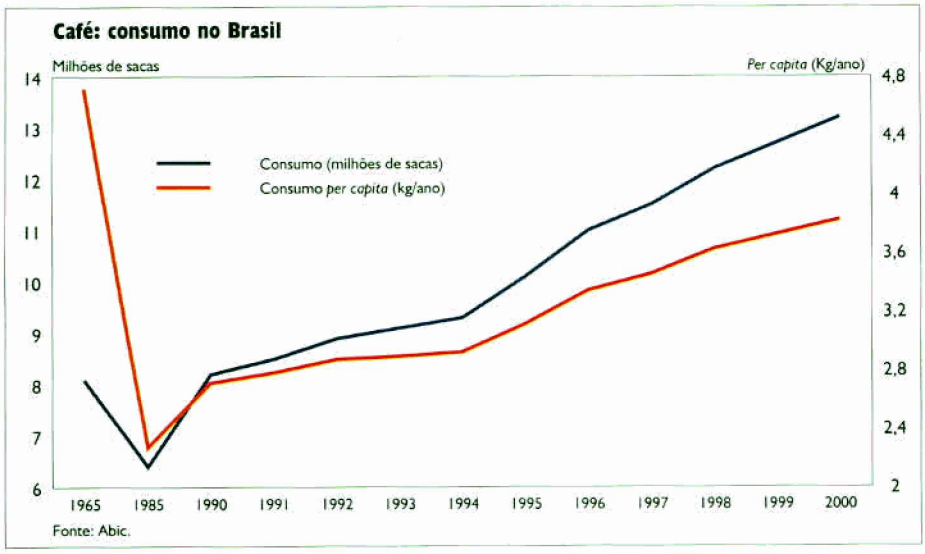
Excetuando-se o Brasil, as estatísticas de consumo em outros países produtores são praticamente inexistentes e na sua maioria resultantes de meras estimativas informais de mercado.

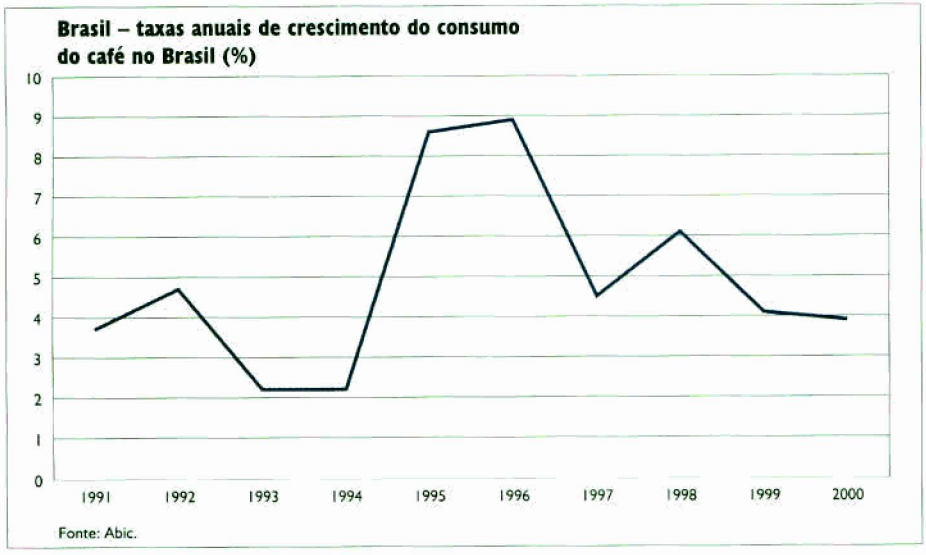
Parâmetro de consumo

O gráfico 2 utiliza a quantidade total exportada como parâmetro de consumo nos países importadores (dados da OIC para os anos 1970/71 a 2000/01). Esse método de avaliação de consumo é deficiente na medida em que não considera as variações de estoque. De qualquer forma, os volumes exportados servem como parâmetro da ordem de grandeza do consumo e, por conter uma serie relativamente longa (30 anos), uma previsão linear ou polinomial pode ser uma aproximação relativamente aceitável do efetivo consumo. Por esse método o consumo nos países importadores deve se situar no corrente ano-OIC (outubro, 2000 a setembro, 2001) em volumes aproximados de 82 a 84 milhões de sacas.

Se essa avaliação de estiver correta, os recentes volumes de exportação de 1998 até 2001 significam forte acumulação de estoques nos países importadores, o que é condizente com a atual percepção do mercado.

Para definir o consumo derivado das exportações, podemos utilizar uma avaliação dos estoques aparentes de café verde. Para tanto, lançamos mão (ainda que de forma arbitrária) de uma estimativa de estoque de café verde no fim do ano-safra 1979/80, de 14 milhões de sacas. Computando-se a partir desse valor a diferença entre as estimativas de con-





sumo e as quantidades efetivamente embarcadas, podemos estimar a variação anual dos estoques aparentes de café verde. Seguindo esse raciocínio, chegamos a 2000/01 com um estoque de café verde nos países importadores entre 16 e 19 milhões de sacas, valor compatível com as atuais estimativas de mercado.

Mesmo que aparentemente a expansão (ou distribuição) da renda e a melhoria de qualidade pareçam ter efeito positivo no aumento do consumo, nem sempre esses fatores são decisivos.

O caso do Brasil

Durante os anos 90 a taxa média anual de crescimento de consumo no Brasil foi de cerca de 5% ao ano. Para um período de 10 anos a taxa é significativa. Diversos fatores devem ter contribuído para esse crescimento. Aparentemente o Plano Real pode ter influído de forma positiva nessa expansão. Entretanto, mesmo antes de 1994, as taxas de crescimento de consumo estavam bem acima do padrão histórico. A melhoria da qualidade do café oferecida no mercado interno e o programa do selo de pureza da Abic podem ter contribuído para a expansão do consumo.

Entretanto, como curiosidade, se na década de 90 o consumo mundial tivesse acompanhado as taxas de crescimento do consumo brasileiro, o consumo global estaria acima de 150 milhões de sacas/ano. Ou seja, mesmo que aparentemente a expansão (ou distribuição) da renda e a melhoria de qualidade pareçam ter efeito positivo no aumento do consumo, nem sempre esses fatores são decisivos. O exemplo em contraponto poderia ser o mercado norte-americano durante a mesma década de 90. Naque-

Litros P/C ano	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Média	%
Cerveja	85,2	82,9	83,3	83,3	84	84,4	83,8	11,50
Agua Mineral	39	41,3	44,3	48,1	52,6	59	47,4	6,50
Refrigerantes gas.	194,9	197,6	202,1	206,7	212,3	211,6	204,2	28,10
Café	94,6	90,8	84,4	82,5	82,5	83,3	86,4	11,90
Destilados	4,9	4,5	4,5	4,5	4,5	4,5	4,6	0,60
Beb. base de frutas*	56	57,5	56,8	56,8	56,8	57,5	56,9	7,80
Leite**	93,9	91,2	91,6	90,1	89,3	89,3	90,9	12,50
Chá	39,4	37,9	36,7	35,6	35,6	36	36,8	5,10
Vinho	6,8	6,8	7,2	7,2	7,2	7,2	7,1	1,00
Subtotal	614,7	610,5	610,9	614,7	624,9	632,9	618,1	85,10
Outros	112	116,2	115,8	112	101,8	93,8	108,6	14,90
Total	726,7	726,7	726,7	726,7	726,7	726,7	726,7	100,00

Fonte: Beverage Marketing Institute.

Apesar do aparente engessamento das taxas de crescimento do consumo em alguns momentos, podemos detectar fortes aumentos da demanda em mercados específicos.

le mercado, apesar do crescimento econômico e de uma inegável substancial melhora de qualidade, e ainda de uma enorme exposição de mídia para o café, o consumo ficou na melhor das hipóteses estagnado durante toda a década, ou seja o consumo *per capita* caiu. A tabela 2 mostra uma estimativa da empresa de consultoria norte-americana Beverage Marketing Institute, a respeito do consumo de bebidas diversas. Parte do peincípio de que há um consumo fixo de dois litros/dia *per capita* de todas as bebidas. A tabela indica que da disputa pelo espaço do estômago o café perdeu mais de 11 litros/ano *per capita* entre 1994 e 1999.

Capacidade de expansão

Apesar do aparente engessamento das taxas de crescimento do consumo em alguns momentos, podemos detectar fortes aumentos da demanda em mercados específicos. Além da recente evolução do mercado brasileiro, há outros exemplos, como o mercado japonês na década de 80. As questões relevantes parecem ser: o que faz com que taxas de crescimento de consumo de café em alguns países, por um certo período, fiquem significativamente acima da média histórica? Essas causas podem ser repetidas, e/ou induzidas? Existe espaço para o crescimento do consumo de café a taxas maiores? Um quilo (1.1) por habitante é muito? Qual a influência da renda, *marketing* e a competição com outras bebidas? Podemos efetivamente induzir a expansão do consumo de café? A resposta a algumas destas questões parece ser extremamente relevante, no curto, médio e longo prazos, para o benefício de todos os segmentos do agronegócio café.

Luiz Otávio Araripe e Manoel Aranha Correa do Lago são diretores da Valorização de Café S.A.

